

Revista arrasa Brasília e não poupa sequer JK

Se depender do artigo publicado esse mês na página 23 da revista inglesa *The Economist*, Brasília perdera uma parcela significativa de turistas estrangeiros e, com seus jovens 27 anos já terá uma imagem desgastada e triste no exterior. Em uma reportagem extensa sobre o Brasil, na parte em que se refere a Brasília, o repórter Robert Harvey, entre irônico e polêmico, não poupa nem mesmo o herói da cidade e ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek, chamando-o de "gastador de dinheiro". E a julgar pelo seu relato, fica claro que, na sua visão, a arquitetura de Oscar Niemeyer deveria ir direto para o lixo.

Após explicar que São Paulo e Rio de Janeiro dividem-se entre centro de capital privado e palco de empresas públicas respectivamente, e informar que a transferência da capital do País ocorreu no final da década de 50, o correspondente dá ao leitor uma idéia do gasto com a construção da cidade na época — "US\$ 12 bilhões, mais que o estoque completo de dinheiro brasileiro e estrangeiro no País quando a construção começou". Para terminar seu primeiro parágrafo sobre Brasília, ele abre sua seção de pesadas críticas, revelando que "a criação de Brasília foi criticada na época como o maior erro da história do País, e não há razão para reverter essa opinião".

Segundo Robert Harvey, Brasília é um exemplo tal de planejamento exagerado que faz o visitante desejar o caos de São Paulo. E começa sua censura à arquitetura local afirmando que "a cidade tem os piores exemplos de modernismo do final de década de 50". Define a esplanada dos ministérios como um corredor de blocos de concreto idênticos, que termina no prédio do Congresso. Esse, por sua vez, recebeu também uma definição nada amigável — uma lage plana coroada com dois prédios verticais e um pires virado para cima, de um lado, e um para baixo do outro lado.

Com ironia, Robert Harvey afirma que chegou a questionar o que acontecia com a água da chuva que caía "no pires". "Será que ela sai por um buraco no fundo?", indagou, acrescentando depois que, através de uma janela de ministério descobriu que "o pires tem uma cobertura". Se sua visão do Congresso é das mais negativas, o repórter, para completar, aponta ainda, que, por dentro o prédio do Legislativo é ainda pior — "carpetes roxos, espelhos gigantes e alto-falantes que transmitem qualquer pronunciamento dos parlamentares para todas as cantos do prédio, como um pesadelo expressionista alemão".

CATEDRAL

Já os apóstolos na entrada da Catedral são, para ele, melancólicos gigantes do estilo Giacometti e a Catedral, precisamente, um tipo de "tenda de vidros." Porém, ele guardou sua mais humorada crítica ao Memorial JK "O mais novo monumento da cidade é o

túmulo do grande gastador Juscelino, que mais parece um mausoléu do Lenin projetado pelo desenhista do filme "2001". Uma estátua do infeliz Juscelino é abandonada a pelo menos cem pés (30 metros) de altura em um ninho de corvo em pedra, sem possibilidade de descida, aceitando por ajuda".

No entanto, em todo seu comentário, o repórter dá também um único desconto, e define como "mérito arquitetônico" o Palácio do Planalto (que a seu ver perde apenas pelo dragões da Independência, parecidos com "cavaleiros emplumados estilo Flash Gordon". Considera o Palácio do Itamarati magnífico, cercado por jardins e descreve o interior do Palácio como elegante, vazio, "com uma escada circular que tem o efeito de uma faixa solta ao vento". No entanto, alerta que o prédio oferece perigo aos mais exaltados políticos e diplomatas, já que a escada não tem corrimão, e há uma pista no interior do prédio que sobe e desce ao primeiro andar, podendo deixar alguém atropelado.

EMBAIXADAS

Depois de poucos elogios, o repórter volta às críticas afirma, secamente, que "o resto da cidade é temeroso". "O pedestre não tem qualquer lugar nos gigantes viadutos. Brasília é dividida em setores — setor de compras, hotel, banco e outros — o que faz qualquer das modernas cidades inglesas parecerem calorosas", descreve, continuando com o Setor de Embaixadas, no qual, a seu ver, as embaixadas disputam para construir o modelo mais futurista. Elogia, aí, a embaixada inglesa por colocar uma de suas "maravilhas da arquitetura moderna" no lugar correto, ao contrário do que faz Roma, por exemplo.

Ainda nesse setor, Robert Harvey despertou sua censura para o fato das embaixadas americanas e russas estarem lado a lado. "Os americanos colocaram a sua entrada na parte traseira para impedir que os russos espiassem seus visitantes", relata. Para o repórter, os brasileiros que têm que morar aqui insistem que a cidade é relaxante e que seu estilo de vida "estéril" é preferível aos engarrafamentos do Rio e São Paulo. "Eles dizem que gostam das casas, e clubes em volta do poluído e artificial lago da cidade", comenta.

E no final de sua espinhosa descrição, avisa que Brasília falhou no seu principal objetivo de atrair brasileiros para o interior. "Nenhuma indústria sequer veio à cidade, a não ser aquelas que tinham que vir. Não há qualquer razão para que um negócio seja montado a 1 mil quilômetros dos grandes centros, em um planalto árido, bom apenas para gado", argumenta, acrescentando que menos dinheiro poderia ter sido gasto na construção de uma cidade mais próxima do litoral, para contornar o desemprego e subdesenvolvimento da pobre região Nordeste e superpovoada e rica região Sul do País.